



FILMES
QUE AMO

— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE AGOSTO, DE 2022 - 21H00

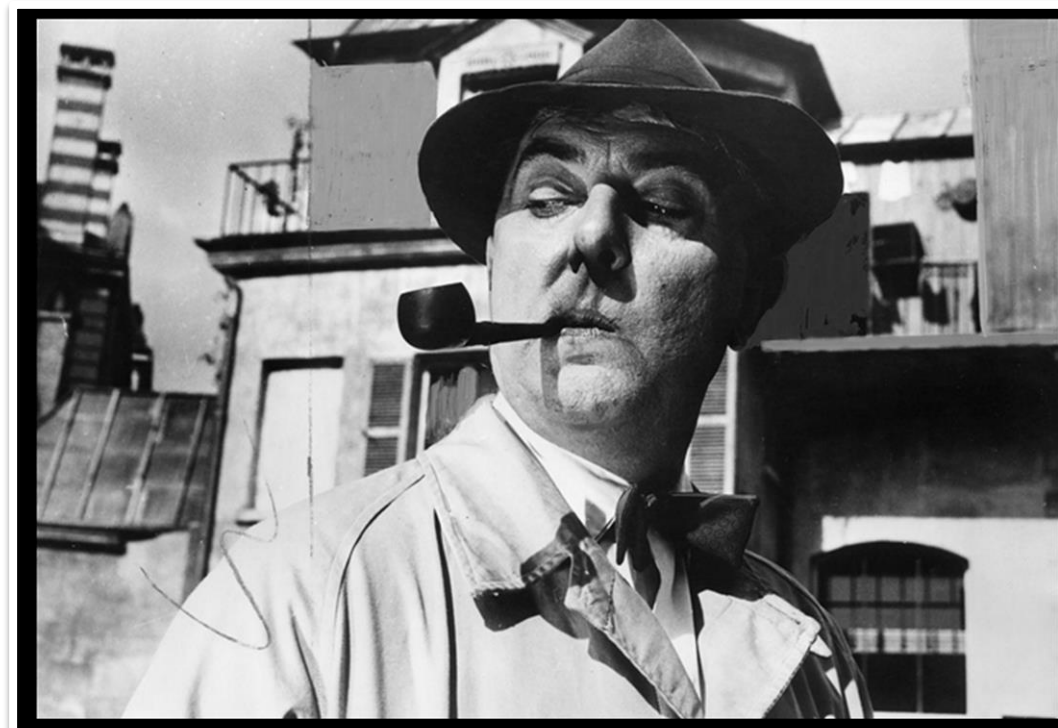
MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO – (entrada livre)

O MEU TIO

Título original: Mon oncle

Realização: Jacques Tati (França, 1958)

1. COMÉDIAS E COMÉDIAS



O humor é uma arte difícil. Mas quando se acerta em cheio, o humor facilmente acasala com amor. Não sei se hoje em dia é normal discutirem-se filmes dias e dias depois de os vermos, mas nos meus tempos de estudante, era frequente sairmos de uma sala a debater vivamente uma obra. Quando se tratava de uma comédia, lembrar os grandes gags era atividade que se prolongava por tempos e tempos. O filme nunca mais morria. Eternizava-se na nossa memória. Tenho para mim três

casos inesquecíveis. Quando me lembro do fantástico Totó não posso esquecer as longas conversas com Luís de Pina, ambos admiradores incondicionais da sua arte, e passávamos noites em amena cavaqueira, lembrando gags e desmanchando-nos a rir, como adolescentes. Saudades suas, Luís de Pina!

Jerry Lewis foi outro ator que provocou inenarráveis conversas com amigos de segura cumplicidade, como o Jorge Silva Melo, o Camacho Costa, a Eduarda, cada um de nós rebolando de gozo ao recordar algumas das situações pelo genial autor, vividas em filmes admiráveis.

Tati foi outro caso sério. As suas três primeiras longas-metragens, "Há Festa na Aldeia", "As Férias do Senhor Hulot" e "O Meu Tio", serviram de ponto de partida para imensos diálogos difíceis de imaginar hoje em dia. No meu caso, recordo um fim de tarde, durante umas férias, creio que na Praia das Maças, em que eu e a namorada da altura, ambos apaixonados por Tati (enfim, para lá de outras paixões, obviamente), nos entretínhamos em evocar, um atrás de outro, vários gags, sobretudo de "As Férias do Senhor Hulot" e de "O Meu Tio". Nessa tarde, humor e amor rimavam na perfeição. A cada nova situação que nos vinha à cabeça, e ali reproduzíamos um para o outro, mais seguros ficávamos de uma perfeita sintonia e do nosso amor.

Afinal o amor que jurávamos eterno não o foi, mas o humor de Tati, esse permanece. Basta ver ou rever "O Meu Tio" e é impossível não sorrir com uma doce nostalgia cada vez que se vê, por exemplo, o gag do assobio e do candeeiro. Genial.

2. O MEU TIO



A genialidade de Jacques Tati fica bem documentada em qualquer uma das suas longas-metragens, mas creio que "O Meu Tio" é talvez o seu trabalho mais reconhecido e mais elogiado. Terceira longa-metragem, segunda protagonizada pelo Senhor Hulot, "Mon Oncle" é uma admirável comédia sobre a (falsa) modernidade, a ostentação do novo-riquismo, algo muito flagrante em todas as épocas, mas muito sentido na década de 50 do século passado, dado que foi um período de ouro da implantação generalizada do automóvel e da generalização do uso dos eletrodomésticos. Mais ainda: uma época em que um design agressivo de mobiliário de interiores e exteriores, que hoje em dia é visto com certa nostalgia vintage, era na altura por muitos apenas visto como de um mau gosto e de um desconforto invulgares. Neste, e em muito outros aspetos, "Mon Oncle" relembra o brilhante "Tempos Modernos", de Charlie Chaplin, havendo em ambos um desadaptado que não se consegue integrar num mundo onde as últimas invenções, em lugar de facilitarem a vida do homem comum, a dificultam. Charlot e Hulot têm, por isso, muitos pontos de contacto.

O filme oscila entre dois universos inconciliáveis: por um lado, um diretor de uma fábrica de mangueiras de plástico, homem com uma família "muito moderna", os Arpel, certamente por influência da sua mulher, que não perde uma ocasião para mostrar a excelência do seu jardim, da sua cozinha, do interior da casa, com "as divisões todas abertas umas para as outras", e que faz gala de nunca deixar entrar uma visita no seu jardim sem ligar o repuxo do peixe que lança água para o espaço, dando as boas vindas ao intruso. Obviamente que o repuxo é vedeta de alguns gags magníficos, porque às vezes é ligado para um desinteressante operário que vem entregar uma encomenda ou para alguém da casa que já não o merece. Ou então é desligado, porque não queremos tapetes persas e, afinal, trata-se da vizinha com estranha indumentária não reconhecível de imediato. O repuxo é o símbolo da saloioice daquela estranha família, onde só o filho parece ser alguém normal, sobretudo quando sai com o tio, o tal Senhor Hulot, que vive num bairro modesto, popular, habita uma casa onde para chegar às águas furtadas tem de percorrer um labirinto de corredores e escadas que acompanhamos do exterior, tal como o fotógrafo de "Janela Indiscreta", de Hitchcock, acompanha as traseiras do seu andar (uma obra de 1954 que pode bem ter sugerido este Tati, de 1958).

Hulot é o indivíduo bem avontadado, imune a cerimónias e salamaleques, que gosta de viver e não se preocupa com a indumentária e ainda menos com o que os outros possam pensar dele. Faz a sua vida, é simpático para todos, não se dá nada bem com as modernices inúteis, nem com a jactância dos novos-ricos, e causa grandes problemas, sem o pretender, sempre que o procuram encaixar numa estrutura social estável como, por exemplo, numa fábrica de mangueiras de plástico que, a partir daí se assemelha mais a uma fábrica de salsichas. O sobrinho, Gerard, adora sair com ele porque sabe que vai estar em liberdade, longe do rigor maníaco dos pais, perto de saborear um bom jogo de futebol na lama, boas guloseimas populares, e de pregar partidas como a fabulosa invenção do assobio junto a um candeeiro de iluminação pública, que vai provocar normalmente alguma consternação nos passantes. Mais um gag delicioso, num filme que os inventa consecutivamente, mantendo, todavia, uma toada de comédia delicada e doce, por onde perpassa a voluptuosa nostalgia dos velhos tempos onde a harmonia do homem com a natureza era mais saudável.

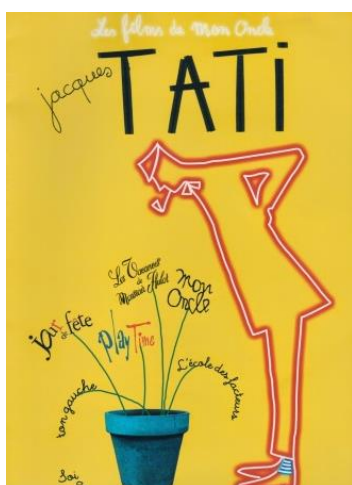


A senhora Arpel mostra a sua casa aos convidados para um lanche no jardim, dizendo "E essa é minha sala de estar", e uma das visitantes nota: "Um pouco vazia, não?". Ao que a senhora Arpel responde: "Mas é moderna!". Minimalista, diríamos hoje. A moda acima de tudo, o último grito do design a impor-se. Não é eficaz, não serve para nada, mas é moderno!

A construção do humor em Tati é de um rigor invulgar. Os gags são na sua maioria visuais, é certo, mas na verdade, se atentarmos bem, o papel do som, quer da música, quer dos efeitos sonoros, dos ruídos, é absolutamente invulgar de bem

trabalhado e explorado. Os ruídos das máquinas, dos gadgets, dos movimentos humanos, das corridas dos cães, tudo é obsessivamente construído na minúcia. Exemplar e brilhante.

O contraponto entre o moderno inútil e hostil e o mais tradicional, modesto, quente e afetuoso (recorde-se o bairro onde vive Hulot, com a sua taberna e os frequentadores habituais, os cães, o varredor de rua que não sai do mesmo sítio, agarrado a conversas infundáveis...) diz bem de que lado que encontram as simpatias de Hulot. Tati explicou-o: "Não acredito que as linhas geométricas tornem as pessoas amáveis". A crítica a esta sociedade falsa e hipócrita é inquestionável, mas Tati nunca grita, nunca se irrita demasiado, acredita que o simples olhar de frente a realidade é suficiente para o espectador formar o seu juízo. E sorrir. "O Meu Tio" é uma comédia, mas onde o riso vigoroso nunca aflora, deixando permanecer nos lábios da assistência um sorriso cúmplice, saboroso, divertido, terno, humano. "O Meu Tio" é, por isso tudo, uma das melhores comédias de sempre. E Tati um "must" em qualquer lista das 10 melhores de todos os tempos.



O MEU TIO

Título original: Mon oncle

Realização: Jacques Tati (França, Itália, 1958); **Argumento:** Jacques Lagrange, Jean L'Hôte, Jacques Tati; **Produção:** Louis Dolivet, Jacques Tati, Alain Térouanne, Fred Orain; **Música:** Franck Barcellini, Alain Romans, Norbert Glanzberg; **Fotografia (cor):** Jean Bourgoïn; **Montagem:** Suzanne Baron; **Design de produção:** Henri Schmitt; **Decoração:** Henri Schmitt; **Guarda-roupa:** Jacques Cottin; **Maquilhagem:** Boris Karabanoff; **Direcção de Produção:** Bernard Maurice; **Assistentes de realização:** Henri Marquet, Pierre Étaix; **Departamento de arte:** Eugène Roman; **Som:** Jacques Carrère; **Efeitos visuais:** Bertrand Levallois, Ugo Bimar; **Companhias de produção:** Gaumont Distribution, Specta Films, Gray-Film, Alter Films; **Intérpretes:** Jacques Tati (Monsieur Hulot) (não creditado), Jean-Pierre Zola (Charles Arpel, Adrienne (Betty), Jean-François (Walter), Dominique Marie (vizinha), Yvonne (Gerard Arpel), Régis Fontenay, Claude Badolle, Max Martel, Nicolas Bataille, Daki,

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO, DE 2022

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO II - 21H00 (entrada livre)

MINHA LINDA LADY

Título original: My Fair Lady

Realização: George Cukor (EUA, 1964) | **Duração:** 170 minutos | **M/12**